Dia 22 — São Paulino, Bispo

São Paulino, objeto da admiração e da veneração dos maiores homens de seu século, tão célebre em toda a Igreja, como diz o martirológio romano, não só por sua grande erudição, por sua eminente virtude e por sua insigne caridade, mas também pelo grande poder que teve contra os demônios, foi filho de Pôncio Paulino, prefeito do pretório que havia sido nas Gálias, contando grande número de senadores em sua família, tanto pela linha paterna como pela materna. Nasceu no ano de 353 em Bordéus ou, como querem outros, numa aldeia que Ausônio chamava Embromagus, a quatro léguas daquela cidade. Criaram-no seus pais com todo o cuidado que pedia seu ilustre nascimento; embora deixassem pouco que fazer à educação as nobres prendas de corpo, de coração e de entendimento com que havia nascido. Faziam seus pais profissão da religião cristã e o educaram nos princípios dela. Foi seu preceptor Ausônio, um dos maiores homens de seu tempo na poesia e na eloquência. Fez o discípulo tantos progressos nas letras humanas que em pouco tempo pareceu mais hábil e foi mais estimado que seu mesmo mestre. São Jerônimo confessa ingenuamente que não conhecia homem mais eloquente que Paulino. A pureza de seu estilo, a delicadeza e o brilho de seus pensamentos, a extensão de suas notícias, o ar e a facilidade em explicar-se, o fogo de sua imaginação, a força e a suavidade de sua eloquência, junto tudo aos imensos bens de fortuna de que se achou logo herdeiro, fizeram célebre no mundo o nome de Paulino.

Mas muito mais se deu a estimar pela pureza de seus costumes. Amava naturalmente a glória e, como não era mais que catecúmeno, era também muito superficial o gosto que tomava à doutrina de Jesus Cristo. Casou-se com uma donzela de nascimento espanhol, nobre e rica, mas muito mais virtuosa, a qual contribuiu não pouco a inspirar-lhe máximas mais cristãs. Aos vinte e cinco anos foi criado cônsul de Roma e pouco depois prefeito da cidade; dignidades que fomentavam sua ambição, mas sem estragar seus costumes. Assim pelos negócios públicos que lhe encomendaram como pelos domésticos e de família que se lhe ofereceram, viu-se obrigado em quinze anos a fazer muitas viagens pela Itália, França e Espanha, e nelas conheceu em Milão Santo Ambrósio e Santo Agostinho, em Tours São Martinho, em Ruão São Victrício e em Bordéus São Delfino, que, tendo-o instruído fundamentalmente nos mistérios da religião, o persuadiu e o reduziu a que recebesse o batismo.

Iluminado com as novas luzes da graça que recebeu no sacramento, descobriu Paulino o falso brilho de tudo o que tanto deslumbrava os olhos dos mundanos. Acrescentou-se a isto que as mudanças sucedidas no império se comunicaram também a sua fortuna; e, juntando-se a estes contratempos as muitas enfermidades que padeceu, contribuíram não pouco a desprender seu coração dos bens caducos desta vida e a que suspirasse unicamente pelos eternos. Ao desgosto das grandezas humanas seguiu-se o tédio ao tumulto e ao alvoroço. Retirou-se a uma casa de campo, onde se entregou inteiramente ao serviço de Deus, santificando aquele retiro com a oração e o jejum. Mas, como o interrompessem as frequentes visitas de seus amigos, tomou a resolução de escapar-se à Espanha, aonde o seguiu sua mulher Terásia, não obstante achar-se muito

adiantada em sua prenhez, porque, tendo tido tanta parte em suas santas resoluções, quis ser fiel companheira sua na penitência. A pouco tempo depois que chegaram à Espanha, deu Terásia à luz um menino que viveu só oito dias; e, privado Paulino deste único fruto de seu matrimônio, resolveu viver daí em diante com sua mulher em perpétua continência, como irmão com irmã, e de comum consentimento se obrigaram a isso com voto os dois, dedicando-se a uma vida perfeita.

Voltou à Itália para visitar o sepulcro de São Félix, mártir, presbítero de Nola, a quem professava particular devoção, e naquela cidade tomou a resolução de deixar inteiramente o mundo. Despediu-se do senado romano, em cuja presença renunciou solenemente a dignidade de senador; fez o mesmo com toda a sua ilustre parentela; vendeu todas as suas posses e bens, que eram muito copiosos, e repartiu o preço entre os pobres. O mesmo fez Terásia com todos os que havia trazido ao matrimônio, que também eram muitos, reservando de seu dote não mais que o preciso para as necessidades indispensáveis. Assombrou e edificou toda a Igreja tão generoso como universal despojo. Ansioso já unicamente de viver desconhecido, escolheu para isso a cidade de Barcelona. Vestiu um hábito pobre, entabulou uma vida obscura, deixou-se ver com um ar humilde, penitente e mortificado; mas tudo serviu para dar novo lustre a sua virtude e maior veneração a sua pessoa. Era seu ânimo voltar a Nola e passar seus dias junto ao sepulcro de São Félix, encerrando-se numa celinha perto da igreja para fazer ofício de porteiro, quando, apesar de sua humildade, foi elevado ao sacerdócio por um sucesso verdadeiramente singular. Achava-se na igreja no dia de Natal, absorto na contemplação daquele terno e sagrado mistério, quando o clero e o povo, movidos de uma repentina inspiração, levantaram o grito e todos a uma voz pediram que Paulino fosse elevado às sagradas ordens e que se o fizesse presbítero. Em vão desdobrou as velas de sua eloquência advogando em favor de sua humildade; não foram ouvidas suas razões, e o bispo Lampio lhe conferiu as sagradas ordens, não fazendo caso de sua humilde resistência.

Cresceu o fervor com a santidade do caráter; e, conhecendo bem a pureza de costumes e a santidade de vida com que se devia chegar às sagradas aras, aplicou todo o seu estudo a purificar o coração com as maiores penitências e a desviá-lo dos riscos na segurança do retiro. Sobressaltado com a singular veneração que todos lhe professavam em Barcelona, pensou seriamente em fugir dela, buscando asilo mais seguro a sua profunda humildade. E, como sua devoção o chamava sempre a Nola, voltou à Itália; e, entrando em Roma, noticioso o povo de sua vinda, comoveu-se todo e concorreu de tropel a vê-lo. Mal podiam reconhecer o antigo senador e cônsul entre o humilde traje de monge. Todo o estado eclesiástico secular e regular lhe rendeu grandes honras. Só o papa Sirício, que ainda não confiava muito daquela virtude tão terna e tão bisonha, julgou que convinha recebê-lo com aparente frieza e com exterior indiferença. Longe de ofender isto a Paulino, fez mais apreço da secura do papa que de quantas honras e aclamações lhe haviam tributado. Cumpriu com suas devoções; visitou os sepulcros dos santos mártires e encaminhou-se a Nola, onde desde logo começou a praticar o retiro por que tanto havia suspirado. Concorreram a ele muitas pessoas de distinção, convertidas com seu exemplo; e, pondo-se debaixo de sua direção, formou-se logo uma espécie de comunidade religiosa em que se vivia com a mais exata observância. Era contínuo e muito rigoroso o jejum, revivendo naquele novo deserto, com o exemplo de São Paulino, todas as virtudes dos antigos anacoretas; só se comia um pão grosseiro com alguns legumes e não se bebia mais que água. Aquele antigo senador, aquele cônsul de Roma, aquele homem tão enfermo e tão delicado deixava-se ver coberto de um áspero cilício, debaixo de uma túnica de peles de cabra, cingida com uma corda, sendo sempre o primeiro em

todos os exercícios mais vis e mais penosos.

Mas, com ser tão pura e tão penitente sua vida, não estava isenta das tentações do inimigo de nossa salvação. Por longo tempo foi exercitado com as mais violentas, sendo o combate dilatado e cruel; mas o Senhor o tirou vitorioso. Foram suas armas a humildade, fugir das ocasiões, a oração e a penitência. Serviu-lhe sempre de grande socorro sua terna devoção à santíssima Virgem; e, em virtude da muita que professava a São Félix, mártir, por muito tempo lhe compôs cada ano um poema no dia de sua festa. Todos os anos ia também uma vez a Roma a renovar seus votos diante do sepulcro dos santos apóstolos São Pedro e São Paulo; e, enfim, não omitia meio algum de quantos julgava oportunos para aumentar sua devoção e seu fervor.

Estendeu-se logo sua fama por todo o orbe cristão, e apenas houve servo de Deus naquele tempo que não solicitasse ter ao menos correspondência de cartas com o santo presbítero Paulino. Duas vezes veio a Nola por vê-lo desde as margens do Danúbio São Niceta, bispo de Remesiana. Não solicitaram com menos ânsia sua amizade os maiores bispos da Itália, das Gálias, da África e da Ilíria; e o papa Santo Anastásio em todas as ocasiões lhe deu as maiores provas de sua estima e de sua benevolência. São Martinho o propunha a seus discípulos por modelo da perfeição evangélica, e Santo Ambrósio fez um magnífico elogio de seu desprendimento e de sua generosidade. Recomendando-o Santo Agostinho a um discípulo seu, diz-lhe que o envia a sua escola para que lhe ensine a ser perfeito; e São Jerônimo lhe escreve que não é tão tranquila sua solidão de Belém como seu deserto da Campânia.

Achava-se Paulino neste alto conceito de santidade quando vagou a sé episcopal de Nola pela morte do bispo Paulo; e houve bem pouco em que deliberar, porque de unânime consentimento foi aclamado para ocupá-la; e, apesar dos esforços que fez para resistir a uma dignidade de que se considerava tão indigno, foi consagrado bispo pelo fim do ano 409, com aplauso universal de todos os fiéis. Experimentou logo o rebanho os efeitos da vigilância e da eminente virtude do santo pastor, conhecendo-se muito logo quanto pode um prelado santo. Proveu sua solicitude pastoral a todas as necessidades dos necessitados; fez-se tudo para todos por ganhá-los todos para Jesus Cristo; com sua afabilidade, com sua doçura e com sua caridade ganhou primeiro os corações e depois facilmente os converteu, vendo de repente mudado o semblante de toda a diocese.

Não tinha um ano de bispo quando os godos, conduzidos por Alarico, depois de haver tomado e saqueado Roma, se estenderam pela província da Campânia para talá-la e arrasá-la. Trataram Nola como Roma; mas respeitaram a virtude de Paulino. Registraram toda a sua casa, embora venerassem sua piedade, e muitas vezes o ouviram fazer a Deus esta oração: «Não permitais, Senhor, que eu seja atormentado pela prata nem pelo ouro; pois bem sabeis que pus todos os meus bens nas mãos dos pobres.» Dissipada a tempestade com a morte de Alarico, em pouco tempo fez esquecer a caridade de nosso santo todas as misérias que haviam causado os bárbaros.

O cisma do antipapa Eulálio turbou a eleição do papa São Bonifácio; e, tendo-se convocado um concílio em Ravena para restituir a paz à Igreja, rogou o imperador Honório a São Paulino que assistisse a ele; e, como o tivesse assaltado uma enfermidade que não o permitia, quis o imperador que se dilatasse o concílio até que se recobrasse o santo bispo. Sua só presença dissipou as facções, e seu voto era o oráculo que decidia.

Não contente Santo Agostinho com manter correspondência por cartas com São Paulino, dedicou-lhe o livro que intitulou *Do cuidado dos mortos*; por havê-lo composto com ocasião da pergunta que lhe fez o mesmo Paulino sobre se podia ser de algum proveito o mandar-se enterrar ao pé de algum determinado altar ou em tal igreja dedicada a tal santo.

Governava pacificamente o santo bispo seu rebanho com uma prudência, com um zelo e com uma caridade que o faziam verdadeiramente feliz quando descarregou sobre toda a Itália outra nova tempestade. Excitada a cobiça dos vândalos com o exemplo dos godos e pela facilidade com que a haviam arrasado, tirando imensos tesouros dela, quiseram também aproveitar-se da ocasião e entraram a talá-la, começando pela Campânia. Em tão grande e geral desolação foi o único recurso a caridade de São Paulino. Não contente com visitar, exortar e consolar a todos, vendeu quanto lhe havia ficado para socorrer os miseráveis. Nesta ocasião, diz São Gregório, deu São Paulino a todo o universo o exemplo da mais generosa e mais perfeita caridade cristã. Lançou-se a seus pés uma pobre viúva, toda aflita e desolada, suplicando-lhe que lhe desse com que resgatar um filho único que tinha e que o rei dos vândalos havia levado por escravo. Achava-se o santo sem um ceitil e impossibilitado de consolar aquela aflita mulher; mas sua ardente caridade lhe sugeriu o meio mais extraordinário para socorrer tão urgente necessidade: «Filha, respondeu o santo à triste viúva, não tenho outra coisa que dar-te senão minha pessoa; desde logo me declaro escravo teu e consinto em que me troques por teu filho; isto é no que te posso servir.» Turbou-se e surpreendeu-se a boa mulher ao ouvir tão estranha proposta; mas, voltando logo sobre si e parecendo-lhe que ao bispo não lhe podiam faltar meios para recobrar logo sua liberdade, estimulada do natural e terno amor a seu único filho, aceitou o partido e apresentou seu novo escravo para a troca. A princípio reparou o bárbaro na idade; mas, perguntando ao santo que ofício sabia e respondendo-lhe que o de jardineiro, logo consentiu na troca. Logo que chegou à África aplicou-se a cultivar os jardins de seu amo e, lançando Deus a bênção a seu trabalho, granjeou toda a estima daquele, o qual conheceu em poucos dias os extraordinários talentos de seu jardineiro. Foi logo reconhecido o santo bispo pelos outros escravos, e não se falava de outra coisa em toda a África que da excessiva caridade do santo prelado. Tendo prognosticado a seu amo a morte do rei, seu sogro, todos o olhavam já como a um homem milagroso. Enfim, o príncipe lhe deu liberdade; entregou-lhe todos os escravos italianos e voltou a enviá-lo a seu bispado cumulado de benefícios.

Facilmente se pode discorrer o gozo com que seria recebido. Não houve triunfo mais glorioso que a entrada de Paulino na cidade de Nola. Mas sobreviveu pouco a sua gloriosa volta, porque tanto os trabalhos do cativeiro como as apostólicas fadigas do bispado e suas contínuas penitências haviam estragado muito sua preciosa saúde. Sentiu-se acometido de uma violenta dor de lado que não cedeu aos mais eficazes remédios. Visitaram-no três dias antes de sua morte dois bispos vizinhos seus, Símaco e Acíndino; mostrou muito consolo com sua vinda; mandou pôr um altar em seu mesmo quarto e, assistido dos dois prelados, celebrou o santo sacrifício e reconciliou com a Igreja os que havia separado de sua comunhão. Passou os dois dias seguintes com uma serenidade de espírito e com uma paciência admirável; só abria a boca para bendizer a Deus, para dar-lhe graças pelos benefícios recebidos e para exortar à virtude todos os que o visitavam. Disse-lhe o presbítero Postumino que ainda se devia algum dinheiro aos mercadores que haviam emprestado o pano para vestir os pobres; ao que respondeu sorrindo-se: «Já não tenho um ceitil; mas a divina Providência não me deixará morrer com dívidas»; e um instante depois lhe entregaram uma bolsinha que lhe

enviavam um bispo da Lucânia e certo cavaleiro, com o que bastava para satisfazer todos os seus credores. Rezou depois todo o ofício divino com os eclesiásticos que o acompanhavam; e, acabado, ficou como em oração, na qual se lhe ouvia derramar seu coração diante de Deus com sensível devoção. Alguns momentos antes de expirar tremeu o quarto e estremeceu a cama, e um instante depois entregou a alma a seu Criador no dia 22 de junho de 431, aos setenta e quatro anos de sua idade. Todos o choraram igualmente; até os judeus e os gentios mostraram publicamente sua dor. Foi enterrado na igreja que havia feito edificar em honra de São Félix, a quem sempre havia professado muito particular devoção. Andando o tempo, foi trasladado a Roma e colocado na igreja de São Bartolomeu, aonde acode o povo de tropel a venerá-lo, movido dos muitos milagres que obra o Senhor por sua intercessão. Em suas epístolas e em suas poesias, cuja conservação devemos ao cuidado de seu grande amigo São Amando, bispo de Bordéus, admira-se ainda hoje aquela elevação de pensamentos, aquela elegância de estilo e aquela devota moção que em parte formavam o caráter deste grande santo.

Martirológio Romano

Em Nola, cidade da Campânia, a festa de São Paulino, bispo e confessor, que, de nobilíssimo e opulentíssimo que era, se fez pobre e humilde por Jesus Cristo e que, não tendo nada, se fez escravo para resgatar o filho de uma viúva, levado cativo à África pelos vândalos, ao retirar-se depois de haver devastado a Campânia. Brilhou, pois, nosso santo tanto por sua erudição e grande santidade de vida como por seu império sobre os demônios. Os santos Ambrósio, Jerônimo, Agostinho e Gregório o encomiaram em seus escritos. Seu corpo, trasladado a Roma, na igreja de São Bartolomeu, é conservado e venerado nela com o do santo apóstolo.

No monte Ararat, o martírio de dez mil santos mártires crucificados.

Em Verulâmio, na Inglaterra, Santo Albano, mártir, que no tempo do imperador Diocleciano, tendo-se entregado ele mesmo em lugar de um eclesiástico a quem hospedara em sua casa, depois de haver sido açoitado e cruelmente atormentado, teve cortada a cabeça. Um dos soldados que o conduziam ao suplício converteu-se a Jesus Cristo no trânsito, padeceu também com ele, merecendo ser batizado em seu próprio sangue.

Em Samaria, mil quatrocentos e oitenta santos mártires de Cosroes, rei da Pérsia.

No mesmo dia, São Niceta, bispo de Remesiana, esclarecido por seu muito saber e santos costumes.

Em Nápoles, São João, bispo, a quem São Paulino, bispo de Nola, ganhou para o reino dos céus.

No mosteiro de Cluny, Santa Consórcia, virgem.

Em Roma, a trasladação de São Flávio Clemente, consular, morto segundo ordem do imperador Domiciano pela fé de Jesus Cristo. Seu corpo, que foi achado na basílica de São Clemente, papa, foi

reposto com pompa no mesmo lugar.

Na ilha de Cézembre, perto de São Malo, Santo Aarão, abade.

Em Crespin, no Hainaut, entre Valenciennes e São Guilherme, São Domiciano, solitário.

No Maine, perto de São Calais, Santa Seranta, virgem, da qual há uma formosa igreja numa vila de seu nome.

Em Metz, Santa Preza, venerada na abadia de São Clemente, onde estão suas relíquias.

Em Andres, diocese de Boulogne, na Picardia, Santa Rodrua, virgem.

Em Verona, São Biagio, bispo, cujo corpo está em Santo Estêvão.

Neste mesmo dia, Santa Exuperância, cujas relíquias se veneram em Como.

Em Salzburgo, Santo Eberardo, arcebispo da mesma cidade.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que se segue:

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Paulini confessoris tui atque pontificis veneranda solemnitas et devotionem nobis augeat et salutem. Per Dominum nostrum...*

Português: Concedei-nos, ó Deus onipotente, que a venerável festividade de vosso confessor e pontífice São Paulino aumente em nós a devoção e o desejo de nossa salvação eterna. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do apóstolo São Paulo, no capítulo 8 da segunda aos Coríntios.

2 Coríntios 8,9-15

>

> **Latim:** [9] Scitis enim gratiam Domini nostri Jesu Christi, quoniam propter vos egenus factus est, cum esset dives, ut illius inopia vos divites essetis. [10] Et consilium in hoc do : hoc enim vobis utile est, qui non solum facere, sed et velle cœpistis ab anno priore : [11] nunc vero et facto perficite : ut quemadmodum promptus est animus voluntatis, ita sit et perficiendi ex eo quod habetis. [12] Si enim voluntas prompta est, secundum id quod habet, accepta est, non secundum id quod non habet. [13] Non enim ut aliis sit remissio, vobis autem tribulatio, sed ex æqualitate. [14] In præsenti tempore vestra abundantia illorum inopiam suppleat : ut et illorum abundantia vestræ inopiæ sit supplementum, ut fiat æqualitas, sicut scriptum est : [15] Qui multum, non abundavit : et qui modicum, non minoravit.

Português: [9] Porque sabeis que graça não foi a de nosso Senhor Jesu Christo, que sendo rico, se fez pobre por vosso amor, a fim de que vós fosseis ricos pela sua pobreza. [10] E neste particular vos dou hum conselho: porque isto he o que vos cumpre, se bem não só o começastes a fazer, mas já tivestes o designio d'isso mesmo des do anno passado: [11] agora pois cumprí-o já de facto: para que assim como a vontade está prompta para querello, assim tambem o esteja para o cumprir, segundo as posses que tendes. [12] Porque se a vontade está prompta para dar, segundo aquillo que tem, he aceita, não segundo aquillo que não tem. [13] Não he porem minha intenção que os outros hajão de ter allivio, e vós fiqueis em aperto, mas sim que haja igualdade. [14] Ao presente a vossa abundancia suppra a indigencia d'aquelles: para que tambem a abundancia dos taes sirva de supplemento á vossa indigencia, de maneira que haja igualdade como está escrito: [15] Ao que d'elle colheo muito, não lhe sobejou: e ao que pouco, não lhe faltou.

Nota

«Não perdoando o Apóstolo meio algum para mover a caridade dos fiéis a que socorressem com suas esmolas os pobres na necessidade que padeciam, exorta vivamente os de Corinto a esta piedosa liberalidade, trazendo-lhes à memória os motivos mais fortes para excitar neles a caridade, cujos efeitos ele mesmo havia experimentado. Escreveu esta epístola na Macedônia e a enviou por Tito e por São Lucas aos fiéis de Corinto no ano 57 de Jesus Cristo.»

Reflexões

«Já sabeis a misericórdia que usou Jesus Cristo nosso Senhor, o qual, sendo rico, se fez pobre por vós, para que vós vos fizésseis ricos por sua pobreza.» Conhece-se bem esta insigne, esta imensa, esta incompreensível misericórdia que usou Jesus Cristo conosco? Conhece-se sua grandeza, sua excelência e seu valor? À força de ouvir falar desde a infância do mistério inefável da Encarnação, da vida e morte de Jesus Cristo, acostumam-se os ouvidos a estas vozes sem que façam força ao

coração, porque não se detém a consideração no que significam. Um Deus que se faz homem sem deixar de ser Deus; um Deus que se abate à humilde condição dos homens para fazer-se semelhante a eles, pôde valer-se de meio mais sensível para obrigá-los a amá-lo? Um Deus que se sujeitou a experimentar todas as nossas enfermidades e misérias, salvo o pecado, para compadecer-se delas e por parecer-se conosco; um Deus, soberano dono do universo, que se fez pobre por nós a fim de que por sua pobreza fosse a nossa um perene manancial de bens e mediante sua graça nos adquirisse uma felicidade eterna; tudo unicamente para demonstrar-nos, para fazer-nos ver quanto nos ama. Sabemos tudo isto; e com tudo isso não amamos a Jesus Cristo! Que provas damos de nossa fé? Que proveito tiramos deste conhecimento? Se um amigo vendesse todos os seus bens por satisfazer as dívidas de outro amigo, que agradecimento corresponderia a uma amizade tão generosa, de que há bem poucos exemplos! Que um São Paulino se entregasse a si mesmo por escravo para resgatar uma ovelha sua foi um excesso de caridade que está enchendo de admiração todo o mundo, e ainda se faz quase inacreditável. Que seria, diz São Bernardo, se o filho único de um poderoso monarca se quisesse entregar à morte por livrar dela a um de seus vassalos? Este excesso de amor assombraria a todos; o mesmo pasmo embargaria a voz de todos os espíritos. Mas seria menor o pasmo, menor o assombro, menor a indignação se o ingrato vassalo não mostrasse mais que um frio, um leve reconhecimento a tão insigne benfeitor? Se fosse mister ameaçá-lo com os mais terríveis tormentos e com a própria morte para obrigá-lo a respeitar o príncipe de quem havia recebido tão inestimável benefício? Ah, Senhor, e não há sobrada razão para dizer à maior parte dos cristãos: *Tu es ille vir?* Fez Jesus Cristo por nós muito mais do que podíamos imaginar; e talvez por isso é honrado, é servido e é amado? Oh, e quantos assuntos nos dão para grandes reflexões nossa conduta, nossas máximas e nossos costumes, quando os cotejamos com aquilo mesmo que cremos!

Bem sabes tu quanta foi a bondade de nosso Senhor Jesus Cristo; não é mister que eu me valha de grandes discursos para obrigar-te a amar a teus irmãos, quando te deve bastar e servir de lei o exemplo de Jesus Cristo. Este Senhor, que, sendo rico segundo a natureza divina que estava nele e que por ela era não só soberanamente feliz, mas a mesma felicidade essencial, dono e árbitro de todo o universo, se fez pobre por sua encarnação para que tu te fizesses rico por sua pobreza; isto é, para adquirir-te os tesouros da graça, da justiça e da vida eterna. Esta misericórdia de Jesus Cristo devia, sem dúvida, excitar nossa caridade. Nunca empobrece os ricos a esmola que fazem aos pobres; antes ao contrário, se queres assegurar por dilatados séculos as floridíssimas heranças; se queres como eternizar as alegres prosperidades; se queres pôr as mais brilhantes fortunas a coberto dos reveses e dos contratempos, derrama a esmola a mãos cheias, e não só estarão seguros teus bens, mas visivelmente se multiplicarão entre as mãos dos pobres. Sempre se dá a juros o que se dá a Deus: *Fœneratur Domino qui miseretur pauperis, et vicissitudinem suam reddet ei.* O que dá esmola aos pobres empresta a Deus com interesse, recebendo com ganhos o que lhe emprestou.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas.

Lucas 12,32-34

> **Latim:** 32 Nolite timere pusillus grex, quia complacuit Patri vestro dare vobis regnum. 33 Vendite quæ possidetis, et date eleemosynam. Facite vobis sacculos, qui non veterascunt, thesaurum non deficientem in cælis : quo fur non appropriat, neque tinea corrumpit. 34 Ubi enim thesaurus vester est, ibi et cor vestrum erit.

Português: 32 Não temais, ó pequenino rebanho, pois que foi do agrado de vosso Pai dar-vos o seu reino. 33 Vendei o que possuis, e dai-o em esmolas. Provei-vos de bolsas, que se não gastão com o tempo, ajun- tai nos ceos hum thesouro, que não acaba: aonde não chega o ladrão, e ao qual não rée a traça. 34 Porque onde está o vosso the- souro, ahi estará tambem o vosso coração.

Meditação

Da misericórdia com os pobres

Primeiro ponto

Considera que a misericórdia é uma terna compaixão da alma à vista das misérias e das necessidades alheias, com um vivo desejo de remediá-las. Um coração duro é sinal de alma negra e maligna. É a compaixão uma virtude conatural ao homem; apenas há bárbaro que possa olhar a sangue-frio as lágrimas e o desconsolo de outros; nenhuma coisa faz mais semelhantes os homens às feras que a desumanidade, e nenhuma é mais própria de um verdadeiro cristão que a misericórdia. Com muita frequência no-la inculcou Jesus Cristo, fazendo dela como um mandamento ou preceito seu muito particular, querendo que as obras de misericórdia fossem como as únicas condições ou os precisos títulos pelos quais se nos havia de conferir o reino dos céus. Quer que a caridade que tem Deus com os homens seja, por assim dizer, a medida da que nós devemos ter com nossos irmãos: «Sede misericordiosos, como o é vosso Pai celestial.» A quanta bondade, a quanta compaixão, a quanta liberalidade nos obriga este preceito! Mas, no meio disso, quais são seus efeitos?

Em vão nos diz o Salvador que ele mesmo é o que nos pede esmola, que a ele mesmo a damos: *mihi fecistis:* tem-se por uma figura retórica que se lê ou se ouve com admiração. Crê-se porventura que se dá ao mesmo Jesus Cristo a esmola que se faz? Crê-se que Jesus Cristo é o que geme nos calabouços, onde tudo lhe falta? Crê-se que é o que desfalece nos hospitais, o que morre de fome e de miséria nas casas particulares, enquanto tu engordas entre a abundância e enquanto os regalos, a profanidade e os excessos te encurtam os dias da vida? Julgas que foi efeito da casualidade ou da indústria o fato de os bens se terem como derramado sobre tua casa e tua

família? Aquele Deus que tudo dispõe com infinita sabedoria te fez rico para que fosses pai, tutor e curador dos pobres. Contanto que tenhas cuidado de alimentar estes que pôs Deus a teu cargo, consente-te o mesmo Senhor que tu te pagues o primeiro; mas com a precisa condição de que hás de prover as necessidades dos pobres. Não os esqueceu na distribuição nem na economia de sua providência. Deu-te Deus esses bens com a indispensável obrigação e carga de cuidar dos infelizes. Mas cumpre-se hoje esta obrigação indispensável? Oh Deus meu, quantos ricos se condenam por não haver socorrido os pobres!

Segundo ponto

Considera que a misericórdia com os pobres não só é prenda que assegura os bens da outra vida, mas fonte inesgotável das prosperidades desta. Coisa estranha! Cada dia se estão arruinando as casas, consumindo-se as mais floridas rendas e fazendo-se os mais loucos, os mais supérfluos gastos pelo desejo de glória, de sobressair e de distinguir-se. Compra-se muito caro um pouco de pó que se lança aos olhos das gentes e um relâmpago fugaz que se desvanece num instante; fazem-se grandes gastos para dar ao mundo umas cenas teatrais que deslumbram, que enganam, que divertem por algum tempo e ao cabo ordinariamente se terminam em confusão, em desprezo e em muita burla do mesmo que as deu. Pelo contrário, quanta honra faria a todos os homens ricos uma liberalidade verdadeiramente cristã? Que ação mais gloriosa nem mais nobre que tirar da miséria e arrancar como dos braços da morte um sem-número de infelizes? E até em máximas do mundo, que obra mais heroica nem mais magnífica que ser por tua liberalidade como um glorioso redentor de muitas famílias honradas a quem uma secreta, muda e vergonhosa miséria ia precipitar no desespero e tu as restituíste à salvação e à vida? Não é mais glorioso dar o pão a Jesus Cristo na pessoa dos pobres que manter uma dúzia de vadios, solícitos em viver à custa alheia para ser mais dissolutos?

Atribui-se a inconstância das prosperidades a mil acidentes, a mil casos que certamente não tiveram parte nela. A causa mais frequente desses transtornos, dessas revoluções de fortuna é a dureza dos ricos com os pobres. Negam-se a Deus os interesses, e assim não há que estranhar que te faça perder o capital. Não lhe dás o fruto, e tira-te o fundo: *Aliis locavit agricolis.* Se se cega o canal por onde há de correr a água, que muito que se desvie a outra parte? Queres fixar a roda dessa próspera fortuna? Queres que as rendas e as posses sejam por longos séculos hereditárias em tua família? Queres que passe a abundância a uma dilatada série de descendentes teus? Pois sê rico em misericórdias ou liberal, sê magnífico, sê pródigo em esmolas. O maior título para as prosperidades é a subsistência dos pobres; suas bênçãos conjuram as tempestades; o bem que se faz a eles interessa o mesmo Deus; tudo quanto se dá se põe a lucro. Não esperes que tua habilidade nem tuas precauções hajam de assegurar a teus filhos essa rica fazenda; mais virtude, mais força tem a esmola que todas as criaturas nem todos os contratos. Onde há glória mais brilhante nem mais sólida que a que produz a misericórdia com os desditosos? Põe os olhos em São Paulino. Que bispo mais caritativo! Sua caridade o despojou de todos os seus bens, até de sua mesma liberdade. Mas que glória, que consolo o deste grande santo por haver sacrificado quanto tinha em alívio dos pobres!

Quando há de chegar o tempo, divino Salvador meu, em que vosso exemplo me inspire esta misericórdia para com todos os necessitados! Muita necessidade tenho de vossa graça; e assim vo-la peço, Senhor, e com ela aquelas entranhas de misericórdia com os infelizes, que são um manancial inesgotável de todos os bens.

Jaculatórias

> *Beatus qui intelligit super egenum et pauperem; in die mala liberabit eum Dominus.* Sl 40.

Bem-aventurado aquele que se compadece do pobre e do necessitado, porque o Senhor se compadecerá dele e o livrará no dia de sua maior tribulação.

> *Pauperi porrige manum tuam, ut perficiatur propitiatio et benedictio tua.* Eclo 7.

Estende tua mão ao pobre, para que tua caridade sirva de sacrifício de propiciação por teus pecados e para que o Senhor lance a bênção sobre teus bens.

Propósitos

1. Lembra-te de que não te fez Deus rico para ti só; deu-te os bens que possuis para ti e para os pobres. Sendo pai de todos, a que fim te havia de conceder a ti tantas coisas supérfluas, deixando a tantos outros sem as necessárias? Não os ama menos que a ti, nem tu lhe custaste mais que eles; de sua pura liberalidade recebeste todas essas posses. Não atribuas a teu nascimento, nem a tua indústria, nem a teus méritos essa fortuna em que te vês elevado. Que tens que não hajas recebido de Deus? E, se o recebeste, de que te glorias como se não o houvesses recebido?, diz o Apóstolo. Adverte, pois, que essas riquezas se te deram a título oneroso; isto é, para o sustento dos pobres. Quer Deus que gozes de teus bens; mas quer ao mesmo tempo que os pobres tenham também parte neles. Não esqueças, pois, esta obrigação de uma caridade indispensável; e desde hoje mesmo impõe-te uma lei de que não se te passe dia sem fazer alguma esmola a proporção de teus haveres. Ainda que pagasses a Deus o dízimo de teus bens, não farias demasiado, pois afinal é o primeiro Senhor e o soberano de tudo. Escandalosa injustiça! Dureza ímpia! Quanto se gasta em manter gordos os cães e os cavalos, deixando perecer miseravelmente de fome muitas famílias! Faze reflexão ao que num só dia gastas no jogo e consomes em tuas diversões, considerando que bastaria isso só para tirar da miséria um grande número de infelizes.

2. Não te pede Deus que te despojes de todos os teus bens, embora o fizessem muitos santos. Tampouco te pede que te faças escravo para resgatar a outro, heroísmo de caridade que todos admiramos em São Paulino. Pede-te que de quando em quando visites os pobres nos hospitais; que socorras os envergonhados; que vás consolar os enfermos e os encarcerados, alentando-os com teus conselhos e solicitando sua liberdade com teus bons ofícios, enquanto o permita a justiça. Não te empobrecerão estas obras de misericórdia; antes enriquecerão não só os pobres, mas teus mesmos herdeiros. Enfim, resgata teus pecados com a esmola. «Se tens três filhos, diz Santo Agostinho, faze conta de que tens quatro, contando a Jesus Cristo por um deles; sustenta-o e veste-o na pessoa de um pobre.»

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:31 by Admin
Updated 20 November 2026 20:49:31 by Admin